

Etimologias e saberes

*Ricardo Rossato**

Resumo

O presente texto visa recolocar alguns significados que foram ou esquecidos ou perdidos ao longo do tempo, resgatando o sentido de certas palavras fundamentais no cotidiano da educação. Tem um caráter didático, indo além dos significados comuns, que foram consagrados ao longo do tempo. Busca verificar como o sentido das palavras pode contribuir para ressignificar e motivar a ação do educador.

Palavras-chave: educação, professor, saber.

* Doutor em Demografia pela Université de Paris. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

Introdução

O homem, como ser racional, é o único que tem capacidade de interpretar e tirar lições da sua história para, dessa maneira, ir se constituindo e modificando a sua própria trajetória. De uma forma ou outra, isso sempre se fez na história da humanidade. Contudo, há momentos em que tal se torna mais necessário e fundamental, especialmente nos momentos de crises, nos de transição e naqueles em que há uma desvalorização da história. De certa maneira, essas três coisas estão presentes nos dias de hoje. Vivemos um tempo de grandes interrogações, em que é permitido duvidar de tudo, pois tudo pode ser posto em questão, gerando uma situação de crise e perplexidades.

Os tempos presentes foram adjetivados de forma radical como “era dos extremos”, “era das perplexidades”, ou “era do medo”. As adjetivações sempre são superlativas. Habitua-mo-nos a essas situações. Por outro lado, vivemos um tempo de extrema valorização do presente. Há uma excessiva “presentificação” dos fatos, de modo que absolutizamos o instante presente, rompendo a relação especialmente com as gerações passadas, consideradas ultrapassadas e arcaicas. Nesse contexto, o mundo tecnológico contemporâneo é percebido como o auge do desenvolvimento humano possível, ou o “melhor dos mundos possíveis”. Complementarmente, os fatos das últimas décadas permitem-nos pensar que estamos no final e, portanto, no limiar de uma nova civilização.

Nesse processo, algumas áreas do conhecimento tornam-se mais vulneráveis e, por vezes, parecem mesmo perder o senti-

do. As ciências humanas e, no interior dessas, a educação foram profundamente atingidas. E muitos chegam a perguntar se ainda têm sentido as ciências humanas na era da tecnologia e do conhecimento.

No presente artigo, procuro estabelecer algumas relações e, sobretudo, resgatar algumas raízes para ressignificar as ações dos educadores. Em tempos de transição, buscar no passado algumas etimologias, fugindo das versões oficiais e tradicionais, pode iluminar o presente. É o que pretende este artigo, tendo presente o que afirmava Malebranche, “quando o passado não ilumina o presente caminhamos nas trevas”, ou mais recentemente, Otávio Paz, prêmio Nobel de literatura (1914-1998): “A busca do futuro termina inevitavelmente com a conquista do passado.”

Como fontes básicas, foram utilizados alguns dicionários, especialmente o *Dicionário Houaiss* de língua portuguesa e textos de educação.

Educação

Sem dúvida, a primeira palavra é sobre o sentido de educação. Etimologicamente, a palavra “educação” provém de dois verbos de origem latina. Tanto pode provir de *educere* como de *educare*.

Tradicionalmente, destacava-se que educação provinha de *educere*, que quer dizer tirar de, extrair. Então, educar seria tirar de dentro, desvelar aquilo que está no interior da criança, do jovem ou do adulto. De certa maneira, seria recuperar o verdadeiro sentido da “maiêutica” socrática. Tão ou mais rica que esta é a outra raiz. Utilizada por vezes no latim vulgar, e somente mais tarde associada à educação, originariamen-

te *educare* significava nutrir, amamentar, cuidar, amar. Do verbo derivavam os substantivos *educator* (educador) e *educatrix* (educadora), que eram, pois, aqueles que alimentavam, nutriam, criavam, amavam. Somente mais tarde tomou o sentido de preparar, iniciar no mundo do conhecimento, desenvolvimento. Por outro lado, deve-se observar que *educere* contém um outro verbo latino, *ducere*, que significa conduzir, levar, guiar. Desse verbo, por sua vez, provém um outro substantivo, *dux*, que é aquele que conduz, o chefe, ou general.

Educação, pois, nos seus radicais, significa a ação de tirar de dentro aquilo que está escondido, desvelar para constituir alguém, alimentar com amor para poder conduzir a caminhada. Torna-se, portanto, muito mais rico o processo. A educação torna-se, assim, um processo criador e condutor, por alguém que ama e nutre na jornada. E então se tornará verdadeiramente libertadora. Educação popular (para o povo) somente assume a sua plenitude se buscar nas suas raízes o seu verdadeiro sentido, de nutrir e guiar a vida de educandos e educadores, conduzir a caminhada. Portanto, nas raízes da palavra, funda-se o seu sentido mais profundo. Especialmente a educação popular (para o povo) assume a sua plenitude se buscar nas suas raízes o seu verdadeiro sentido, de nutrir e guiar a vida de educandos e educadores. Assim, tornar-se-á verdadeiramente emancipadora, pois com amor alimentará a caminhada para guiar a vida do educando e do educador para fazerem a própria estrada. É, pois, um processo de desvelar a vida para caminhar e conduzir os outros na caminhada.

Embora hoje essa noção esteja mais presente entre os educadores, especial-

mente a partir dos trabalhos desenvolvidos por Paulo Freire, certamente, a tradução em uma nova prática educativa demorará algum tempo. Uma nova (antiga) concepção se impõe em face das exigências da contemporaneidade, pois, como destacava o Relatório Faure ainda em 1972, “pela primeira vez na história a educação se empenha conscientemente a preparar os homens para tipos de sociedades que ainda não existem”.

Professor, educador, docente

Estreitamente ligada à educação está a palavra “educador”, de forma que o próprio sentido de educação contém o significado de educador. Complementar a ambas, e talvez mais divulgada, foi a palavra “professor”. Normalmente, e no entendimento comum, designa-se como professor aquele que ensina ou ministra aulas.

Embora os pedagogos da antiga Grécia ou do império romano, de certa forma, exercessem esse papel, pode-se dizer que somente com o surgimento das universidades medievais é que se consolidou a imagem do professor como figura central no processo educativo. A própria origem do termo está baseada em algo extremamente corrente no mundo medieval: a profissão religiosa.

Etimologicamente, a palavra “professor” origina-se de *profiteri*, verbo latino que significava declarar-se, fazer uma declaração, confessar ou dar a conhecer. E também está na raiz a palavra *professio*, que designava profissão, isto é, o ato de professar os votos religiosos ingressando ou comprometendo-se de modo definitivo com uma ordem ou congregação religiosa. Tra-

tava-se, portanto, de adotar um estilo, um modo de vida. A profissão dos votos significava o compromisso de professar uma religião dentro das normas e regras próprias da ordem ou congregação. A profissão religiosa, temporária ou definitiva (perpétua), implicava o abandono da vida do mundo para dedicar-se ao exercício religioso, normalmente através dos votos de pobreza, castidade e obediência; também podia significar que o professo abraçava a vida monástica ou conventual. Na origem, pois, professor era aquele que fazia profissão daquele que se dedicava à determinada tarefa ou forma de vida.

Mais tarde, à medida que o latim deixou de ser a língua do povo e foi se tornando a língua dos eruditos, emergindo as línguas das diferentes regiões, que seriam inicialmente chamadas de “bárbaras”, para depois se tornarem vernáculos e, finalmente, neoclássicas, a palavra “professor” entrou no português. Isso ocorreu já por volta do século XV, proveniente do latim e tendo já consolidada uma história na vida das universidades medievais.

Durante a Idade Média, não há uma distinção clara das funções, de forma que não se pode comparar com a precisão dos termos dos dias de hoje, fruto de toda a influência do iluminismo. Em ampla pesquisa sobre o assunto, Verger prefere tratar dos “homens do saber” designando aqueles que se ocupavam com o mundo do conhecimento nas diferentes regiões e universidades. Contudo, podemos destacar ao menos algumas figuras centrais. Sem dúvida, na posição mais importante, no alto da pirâmide, estavam os doutores, ou seja, aqueles que tinham uma doutrina ou teoria própria sobre algum tema ou algum

campo do saber. Era alguém que apresentava uma contribuição própria ao conhecimento em algum campo do saber humano. Esses eram relativamente poucos e eram profundamente reconhecidos pela sua sabedoria. Tal fato pode ser comprovado pelas verdadeiras peregrinações que aconteciam para ouvir alguns deles, como Irnério, ou Graciano, em Bolonha; Abelardo, ou Tomás de Aquino, em Paris. Ou, de maneira mais radical, pode-se destacar pelo fato de que algumas instituições guardaram até os dias de hoje no seu nome o nome dos mestres fundadores, como é o caso da Sorbonne (Paris), que surgiu a partir dos professores e estudantes que se reuniam para ouvir Robert de Sorbon.

Os doutores destacavam-se especialmente pelo número de discípulos que possuíam. Eram aqueles que seguiam um determinado mestre, que interpretavam e explicavam a sua doutrina. A palavra “discípulo” origina-se de *discere*, em latim, que significa aprender. O discípulo, portanto, era aquele que aprendia e ensinava uma doutrina; era um seguidor do mestre, que dava continuidade ao trabalho do mestre.

Abaixo dos discípulos estavam os “leitores”, que, numa sociedade de iletrados e de poucos livros, exerciam um papel importante. Eram aqueles que apresentavam simplesmente a *lectio*, isto é, a lição, que simplesmente liam os textos do mestre. Desta palavra (*Lectio* = lição, *lectiones* = lições) originou-se o verbo português “lecionar”, que passou a significar aquele que ensina.

Embora estivessem na base, os “copistas” não deixavam de exercer um papel importante. Num mundo de ágrafos e sem imprensa, como registram os estudiosos da época, os bons copistas eram

muito procurados e relativamente bem remunerados. Além do mais, as cópias mais elaboradas, com desenhos, gravuras e ornamentos, elevavam o preço, ao passo que outras, com letras menores, espaços mais reduzidos e sem enfeites podiam diminuir significativamente os custos.

Inicialmente muito ligados às atividades religiosas, as tarefas do ensino foram, progressivamente, secularizando-se, e professor passou, posteriormente, a designar aquele cuja profissão é dar aula ou aquele que transmite algum ensinamento à outra pessoa. E identificou-se com aquele que dá aula sobre algum assunto, noção que se conserva até os dias de hoje.

No começo, portanto, professor era aquele que se identificava por um modo de vida próprio e que tinha um estilo próprio de viver. Havia, pois, uma identidade entre profissão e vida, e professor era aquele que tinha uma doutrina própria e oferecia algo de novo aos seus alunos, formando discípulos e seguidores. Os que repetiam e copiavam os ensinamentos não recebiam esse nome. Somente mais tarde, passou-se a aceitar e designar como professor todo aquele que se dedica ao ensino. As nuances do francês ou a atribuição da função de professor na universidade alemã ainda conservam algo da história e, de certa maneira, preservam elementos da figura do professor nas suas raízes e origens.

Não seria mais adequado designar como professor aquele que constrói uma visão própria de mundo e diz sua palavra sobre o mundo?

Também de origem latina, mas que tem um radical grego e que se difundiu entre nós, é a palavra “docente”, empregada indistintamente e como sinônimo de profes-

sor. Embora tenha chegado até nós pela via latina (*docere* = ensinar), sua raiz está no grego (*docxa* = verdade). Dessa mesma palavra provém o termo “dogma”, que significa uma verdade incontestada e que deve ser aceita por todos, a qual foi amplamente utilizada pela Igreja Católica. Contudo, deve-se distinguir que a Igreja Católica empregou o dogma para determinar uma verdade que deveria ser aceita por todos, somente em relação a questões interpretadas a partir da revelação. Portanto, o dogma católico tem, em última instância, como origem a própria revelação, ou seja, a palavra de Deus.

Embora valha para o docente aquilo que se falou do professor, cabe, contudo, acrescentar um elemento de uma grande riqueza: o docente é aquele que, na sua ação e no seu trabalho, busca a verdade, aliás, não é este o fim último da universidade, segundo Jaspers? Portanto, o docente não ensina uma doutrina infundada, mas a verdade descoberta ou aceita naquele momento pela ciência. Contudo, enquanto o dogma é a verdade revelada, ou seja, aquilo que Deus falou, o docente trabalha com a verdade dos homens.

A docência, pela sua origem, implica, pois, uma busca incessante da verdade em todos os campos, em todos os tempos. Essa busca da verdade nos conduz à sabedoria.

O saber, a sabedoria

Não procuramos aqui definir os termos, mas buscar alguns radicais que possibilitam uma ressignificação e um enriquecimento dos mesmos. “Saber”, geralmente, no mundo da educação, significa o mesmo que ter domínio ou conhecimento de um

determinado assunto, ou estar informado sobre. Refere-se, fundamentalmente, ao conhecimento teórico, ou ter a certeza a respeito de algo, ou a compreensão dum tema, ou, ainda, a soma dos conhecimentos adquiridos.

Além desses significados corretos, entretanto, há na raiz do verbo “saber” outros que podem ser assumidos no processo educativo e que estão mais ligados à vida e à motivação do educador. O termo “saber” deve ser assumido em um sentido mais pleno, pois o verbo latino *sapere* está na origem de duas palavras de significados distintos em português: saber e sabor. Ambas têm a mesma origem e a mesma raiz, portanto, possuem elementos comuns e tornam-se complementares. Saber significa ter gosto de, ou lembrar o gosto de, daí se dizer que algo é saboroso. A partir desse radical, podemos inferir que, para o educador, o verdadeiro saber deve dar sabor, gosto, sentido à vida do educando; deixa de ser somente teórico para tornar-se um processo de vida. Portanto, saber deixa de ser um instrumento dos outros para tornar-se um instrumento de vida para si e para os outros. Saber torna-se, pois, algo para interferir na vida e para dar gosto ao viver, para tornar mais saborosa a existência. O verdadeiro saber será, pois, um conhecer para dar sabor à existência, para tornar agradável a vida; deixa de ser algo distante ou insípido para tornar-se presente e fazer do conhecimento uma intervenção sobre a vida.

A partir disso o educador constrói a sua sapiência ou sua sabedoria, pois, na prática, todo o educador deveria tornar-se um sábio, isto é, alguém que tem gosto de viver, que possui uma experiência e transmite isso aos educandos. Vale lembrar que em muitas sociedades, como mostrou a

antropologia, o conhecimento ou o ensinamento era uma função dos anciãos, que transmitiam às gerações mais novas o conhecimento para que os jovens descobrissem e perpetuassem as tradições, os símbolos e os significados importantes para aquele grupo social. Os sábios, além do conhecimento, distinguiam-se pelas virtudes ou por uma vida exemplar, isto é, por demonstrarem na vida o que ensinavam, ou seja, mantinham coerência entre os ensinamentos e a vida. Poderíamos perfeitamente dizer que sábio, para muitos grupos sociais, eram aqueles que viviam de modo coerente, isto é, traduziam na vida aquilo que ensinavam, como diríamos nos dias de hoje, guardavam coerência entre a teoria e a prática. Basta olhar a história para vermos inúmeros exemplos, desde a Grécia antiga, com Sócrates, até diferentes grupos de nativos nas Américas. Pelo saber, constrói-se a sabedoria, isto é, a capacidade de discernimento, que gera a prudência e a moderação para julgar inspirado nas coisas sobrenaturais e nas coisas humanas.

Para encerrar este tópico, cabe lembrar um ilustrativo provérbio árabe que contém uma grande sabedoria, considerando que o sábio ou o verdadeiro educador é aquele que tira da sua vida profissional as lições para a sua existência: “Quem estuda e não pratica o que aprendeu é como o homem que lavra e não semeia.”

Decorar

O verbo “decorar” possui alguns significados conhecidos e marcantes. Assim, pode significar ornamentar, enfeitar, adornar. Em educação, contudo, tornou-se comum designar pôr na memória, aprender

de cor... Aqui também cabe acrescentar outros elementos para aprofundar e rever o tradicional.

Na palavra “decorar” está contido um substantivo latino extremamente rico e que expressa uma relação profunda com os sentimentos: “cor”, que significa “coração”. Decorar traz, portanto, no seu bojo um substantivo. Portanto, na sua raiz, decorar não tem tanto uma relação com a memória ou com a razão, mas com o sentimento. Na significação popular, coração é sempre percebido como sede da afeição, do amor... A língua francesa conservou algo mais rico em relação ao verbo “decorar”, que está mais próximo à sua raiz: tornou-se *apprendre par coeur*. Se fizermos uma tradução literal, “decorar” seria “aprender pelo coração”.

No mundo da educação, decorar apresenta uma forte carga de rejeição, justificadamente, pois ficou historicamente associado aos métodos tradicionais, em que se solicitava ao aluno que aprendesse de memória palavras, fórmulas, datas, locais desprovidos de contextualização e os repetisse em aula ou em provas, quando deveria devolver os conteúdos aprendidos nas verificações, sabatinas ou tomadas de lições. Para aqueles que tivessem mais dificuldades de memória, mas que muitas vezes apresentavam outros fatores mais positivos e mais ricos com capacidade de compreensão, de interpretação, decorar tornava-se um martírio.

Aqui também, pois, ressignificamos a palavra. Olhando o próprio termo português, aprender de cor, tomando o mesmo sentido latino de “cor” = “coração” e também, se nos socorremos do francês, “aprender pelo coração”, podemos ver que “deco-

rar” assume dessa forma o sentido mais radical de não mais colocarmos na memória, mas colocarmos no coração, ou assumirmos os significados das coisas importantes pelo coração. Então, decorar passa a significar aprender no sentido mais integral, pois envolve os sentimentos e afetividade. E torna-se, então, fundamental se for agregada a idéia de que somente devemos decorar o essencial, ou, ainda, se decorar se tornar, também, ornamentar não mais uma sala ou um ambiente, mas enfeitar a vida.

Decorar significa, pois, aprender pelo coração não mais termos, palavras ou datas vazias, mas as coisas essenciais da vida. Aprender pelo coração o sentido da educação, o sentido da existência do homem, da nossa ação sobre a realidade e sentido da vida. Decorar somente o que pode dar beleza e explicar a vida. Decorar pode ser, pois, aprender pelo coração os significados essenciais da vida. Decorar é, pois, pôr, guardar no coração as coisas essenciais da vida. Torna-se, pois, algo dinâmico se a educação se constituir na descoberta da vida porque, então, vai colocar no coração do educando razões de viver.

Essencial

Outro termo de que cabe uma releitura diz respeito àquilo que é essencial em educação. Muitas vezes, “essencial” foi tomado como aquilo que necessariamente tem de ser feito, como tarefas importantes ou obrigações a serem cumpridas. O que realmente é “essencial”? Essencial contém em si na raiz latina o verbo *esse*, que designa o fundamental na pessoa humana: ser (*esse* = ser). Essencial, pois, não é uma

atividade externa, mas diz respeito à própria condição da pessoa; é intrínseco à pessoa humana; define o seu próprio ser, a sua natureza. O que é, pois, essencial em educação?

Somente aquilo que atinge a radicalidade da pessoa, somente aquilo que atinge o ser humano, somente aquilo que transforma a pessoa humana, ou seja, aquilo que diz respeito à essência, diz respeito somente à condição humana. O essencial, portanto, em educação, é o desenvolvimento do ser, pois este é, em última instância, o objetivo maior da educação: “A finalidade da educação não se limita ao saber formal, científico, técnico, artístico... o que se intenta por meio dela é a mudança da condição humana do indivíduo que adquire o saber. Por isto a educação é substantiva, altera o ser do homem.” A educação torna-se, pois, transformadora do ser, por isso é essencial: “O homem que adquire o saber passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Por isso se torna um elemento transformador de seu mundo. Esta é a finalidade essencial da educação.”

Diálogo

Embora “diálogo”, em virtude da grande contribuição e trabalho de Paulo Freire, já tenha sido colocado nas últimas décadas como um termo corrente no linguajar da educação, gostaria somente de acrescentar uma pequena consideração a respeito do seu sentido e conteúdo.

Na composição etimológica, “diálogo” procede na parte substantiva de *logos*, que, como se sabe, em grego, significa palavra, mas também sabedoria ou conhecimento, reflexão. Como se sabe, não havia um sen-

tido consensual entre os gregos sobre o assunto, originando uma acirrada disputa entre os sofistas e os outros filósofos. Segundo Fumaroli, tendo em conta a grande querela, os romanos traduziram *logos* por duas palavras latinas: *ratio* e *oratio*. Enquanto que “ratio (razão) traduz o logos filosófico e científico dos gregos, é a vocação da palavra para conhecer e contemplar a verdade, o que supõe o governo severo do espírito sobre o corpo e suas paixões, oratio, (oração) traduz o logos retórico, é a vocação da palavra para agir, para persuadir, para emocionar, para agradar, aliando a este fim o espírito e o corpo, as suas emoções, as suas paixões, o que é uma outra maneira de humanizá-las e socializá-las”.

Portanto, segundo os romanos, *logos* pode assumir sentidos opostos, como destacou Platão, mas, como demonstrou Aristóteles, as duas vertentes podem se tornar complementares. Assim, entre os romanos, a eloquência (*oratio*) fundava-se na *ratio* e, na essência, pedia-se ao orador que não ignorasse a filosofia, as ciências, penetrando-as de poesia, de história, de arte.

Convém, portanto, recuperar que o diálogo se funda na razão, mas também na palavra, na poesia e na história. Para o educador, o verdadeiro diálogo jamais esquecerá a dimensão da palavra que manifesta a vida, como uma lógica entre o pensar (razão = *ratio*) e a sua expressão oral (oração = *oratio*). A palavra é a manifestação coerente da razão.

Complexo

No contexto da sociedade atual, com a expansão do conhecimento e o surgimento de muitas áreas novas, o termo adquiriu

ainda maior amplitude e complexidade. Constantemente, surgem novos campos e novas possibilidades, tornando necessário um ainda maior aprofundamento e o estabelecimento de relações entre os diversos setores. A interdisciplinaridade tenta superar essas dificuldades.

Cabe, contudo, também aqui lembrar as origens do termo “complexidade” e do adjetivo “complexo”. A palavra “complexo” provém do latim (*cum* = com e *plexus* = tecido) e significa, portanto, aquilo que é tecido junto, ou aquilo cuja textura foi feita em conjunto com outro.

Pelo seu radical observa-se, pois, que a complexidade se origina pelo fato de ser resultado de ações de várias pessoas; assim, também o mundo da educação foi se tornando complexo, pois muitos teceram as relações. Ora, se essa realidade foi tecida e trabalhada por muitos, somente em conjunto será retraçada. A complexidade da educação exige, pois, uma ação conjunta de muitos para redimensioná-la. Quanto mais complexo o mundo da educação, mais necessidade de trabalhar juntos para transformá-lo, especialmente quando se visa à transformação da própria sociedade. Mais do que nunca, é necessário que tecemos juntos e elaboremos conjuntamente a própria educação para retecer a realidade social. Na base da complexidade, estão, pois, a cooperação e a solidariedade daqueles que constroem e tecem juntos a transformação social.

Cultura

Para finalizar, há um outro termo que diz respeito bastante direto com a ação educativa: trata-se de “cultura”, provindo do verbo latino *collere*, que do seu particí-

pio passado *cultum* (cultivado) originou a palavra “cultura”. Inicialmente, restringia-se unicamente a terra, ou seja, ao cultivo da terra ou da natureza. Originariamente, “cultura” era, portanto, no seu sentido primário, simplesmente o processo de trabalhar e preparar, de arar a terra. Trata-se de preparar o solo para nele depositar a semente, donde se desenvolverá a planta, para, posteriormente, realizar a colheita. A semente não é a planta, mas na semente está o gérmen da plenitude da planta; como afirma Claude Bernard, nela está o desenho vital da mesma.

Embora “cultura” ainda preserve o sentido original, também sofreu uma evolução e, atualmente, entende-se por cultura, no sentido antropológico do termo, toda a ação transformadora do homem sobre o ambiente. Entretanto, no caso específico da educação, cultura passou a ter um outro sentido uma vez que cultiva o homem, como afirma Fiori: “No caso do homem há também cultivo, cultivo da pessoa, que desenvolvendo suas virtualidades, afirma-se na linha da personalidade.” E acrescenta: “O homem tem indubitavelmente uma determinada natureza, mas esta natureza é paradoxal: nela não está pré-formada de maneira determinante a sua existência. O homem pelo espírito e pela liberdade, transcende sempre os limites da natureza, quer dizer, é capaz de aventura e de história.”

É nessa dimensão que atua a educação. O processo de educação é uma constante reelaboração da cultura porque, como vimos, atua sobre o solo da vida. Pela educação prepara-se o solo da vida para o desenvolvimento do ser, da pessoa; sobre o húmus e o humano vamos semear, arar,

preparar a terra, para que nasça uma nova vida de dignidade, justiça, paz e bem. A educação intervém sobre a natureza humana para ir além dessa mesma natureza e construir na liberdade humana a história do seu próprio ser. A cultura refere-se essencialmente ao processo de humanização do educando para humanizar o mundo. A cultura torna-se, assim, não somente a intervenção na natureza, mas a intervenção na vida humana, que faz a pessoa passar do mundo do não-ser para o mundo do ser, onde ela se constitui progressivamente e diz a sua palavra, tornando-se participante da história. Reduzir a educação a um bem de mercado, como se faz na cultura neoliberal contemporânea, é negar o próprio sentido de educação, como processo de construção do ser.

Falar em “bens educativos” significa desumanizar a educação, isto é, negar sua natureza antropológica para torná-la mais um produto de consumo, pois, neste caso, não é constitutivo da pessoa, mas está fora dela como algo a ser adquirido, portanto, externo à pessoa. Torna-se, nesse sentido, um acessório ou algo dispensável, um mero ornamento da pessoa humana. O professor, como vimos, na origem da profissão, era aquele que tinha uma cultura própria no sentido mais amplo de cultura. Na realidade, a cultura não está mais ligada somente ao solo, mas à vida: trata-se de preparar a vida. Embora “húmus” tenha raiz semelhante a “humano”, o fundamental na educação é cultivar o humano: a educação faz o humano com o húmus da vida. A cultura e o saber são para o aluno se libertar e construir a própria vida.

Considerações finais

Retomamos ao longo do texto algumas palavras correntes em educação e que têm alguns significados bem marcados, definidos, e apresentamos elementos complementares que nos possibilitam enriquecer o cotidiano da vida do educador. O rigor do racionalismo fez-nos perder pelo caminho a riqueza da vida. Importa recuperar essa riqueza para dar gosto e sabor ao saber e ao viver.

Existem ainda inúmeros outros termos que poderiam ser trabalhados, como a “educação crítica”, a questão do sentido das chamadas “humanidades”, o sentido de educação como política e cidadania, mas, como já foram mais desenvolvidos, resgatamos somente alguns que parecem fundamentais no cotidiano do educador.

A educação, que foi tornada obrigatória no mundo contemporâneo por praticamente todos os governos do mundo, visando ao desenvolvimento social, deixou por vezes o essencial, ou seja, a transformação do ser. Muitas funções acabaram sendo assumidas pelas instituições educacionais; importa, contudo, preservar os elementos constitutivos. Procuramos apontar alguns deles tanto para o educador como para o educando, para que ambos possam, verdadeiramente, ser e, conseqüentemente, intervir e tecer uma nova sociedade, na qual a leitura do mundo deixa de ser feita pelos outros para ser feita por mim. Não é mais necessário que os outros leiam o mundo para mim, pois, à medida que eu conheço, defino minha posição e digo a minha palavra sobre o mundo e a vida. Esse saber se torna essencial e dá o sabor à vida.

Referências

DIAS, Marco Antônio Rodrigues. A longa jornada de uma utopia para uma realidade. In: UNESCO. *Tendência da educação superior para o século XXI*. Brasília: Unesco-Crub, 1999.

FAURE, Edgard. *Apprendre à être*. Paris: Unesco, 1972.

FIORI, Ernani Maria. *Textos escolhidos*. Educação e política. Porto Alegre: L&PM, 1992. v. 2.

FUMAROLI, Marc. *Les humanités ou La critique des spécialités*. Paris: Université de Tous Les Savoirs, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1994.